

# CONVERSAS ENTRE EDUCADORAS:

do dia-a-dia  
à utopia

dia à utopia

à utopia

do dia-a-dia



do dia-a-dia à utopia

-a-dia à utopia

do dia-

dia-a-dia à utopia

do dia-a-

Thames, Eliane (Bodak)  
Thames, Jaira  
& Colaboradores.

-dia à utopia



Eliane Thaines Bodah

**Conversas entre educadoras:**  
Do dia-a-dia à utopia



Passo Fundo  
2012



Eliane Thaines Bodah

**Conversas entre educadoras:**

Do dia-a-dia à utopia

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2012

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [zanette@zanette.com.br](mailto:zanette@zanette.com.br)

Disponível no formato eletrônico /e-BOOK.

Do livro impresso: Educação. Passo Fundo: Berthier, 2010. 88 p.: il.; 21 cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da

licença **[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3.0 Nao Adaptada](#)**.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 11/05/2011

B666c Bodah, Eliane Thaines

Conversa entre educadoras [recurso eletrônico] : do dia-a-dia à utopia / Eliane Thaines Bodah, Jaira Thaines. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2012.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-56-1

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

Demais colaboradores: Brian William Bodah, Caro line Grando Gava, Pedro Thaines, Renata de Baco Hartmann.

1. Professores – Formação. 2. Prática de ensino. 3. Aprendizagem por atividades. I. Thaines, Jaira. II. Título.

CDU: 37

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

“Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda.

Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais.

Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura.

Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo.

Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza.

Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo descuidado, corre o risco de se amofinar e já não ser testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste”.

**Paulo Freire**



## Sumário

|  |    |
|--|----|
| Primeiras palavras.....                                    | 11 |
| Introdução.....  | 16 |
| Sobre os meus mestres.....                                 | 18 |
| Os mestres da minha mestra .....                           | 20 |
| Professor(a),eu? .....                                     | 23 |
| Autoridade sem ser autoritário .....                       | 28 |
| A escola não me interessa .....                            | 33 |
| Entrevista com Brian William Bodah.....                    | 33 |
| Que tal inovar na educação?.....                           | 38 |
| E o bicho da matemática? .....                             | 40 |
| Senhores pais ou responsáveis... ..                        | 43 |
| Temas relevantes .....                                     | 45 |
| Uma alimentação saudável.....                              | 45 |
| O direito de brincar aliado ao professor: Ludicidade ..... | 47 |
| Corrigindo provas .....                                    | 49 |
| Do ensino fundamental ao ensino médio – Pedro Thaines..... | 50 |
| Conversas não paralelas .....                              | 52 |
| Extensão da educação – Caroline Grandó Gava .....          | 52 |
| Educação e Comunidades Rurais - Renata de Baco Hartmann .. | 57 |
| Duas retas paralelas se cruzam no infinito.....            | 64 |
| Bibliografia.....  | 67 |
| Apoio:.....  | 69 |



## Primeiras palavras

A ideia de um livro intitulado “conversas entre educadoras” nasceu durante um desses dias em que eu e minha mãe – ambas professoras discutíamos os desafios cotidianos da escola; do sistema educativo e social, os planos de aula e a correção de provas, entre outros detalhes que só quem está envolvido com a educação pode compreender.

Assim, desses diálogos originaram-se os capítulos abordados nesse livro, sendo que alguns tópicos fugiram à nossa compreensão e são abordados no último capítulo pelas colegas educadoras Caroline Grando Gava e Renata de Baco Hartman, que escreveram respectivamente sobre “extensão da educação” e “educação e comunidades rurais”.

Outros tópicos porém, despertaram a atenção de educadores estrangeiros, como por exemplo, Brian William Bodah que forneceu uma entrevista sobre agressividade na escola; bem como de diversos alunos, entre eles Pedro Thaines, que manifesta sua opinião sobre o período de transição do ensino fundamental para o ensino médio. Contamos ainda, com apoiadores listados ao final desta obra.

**“Nenhum vento é favorável quando não se tem rumo.”** Quem nunca ouviu esse ditado? Esse provérbio expressa um pouco de minha trajetória pessoal e profissional, além de que, em uma linguagem mais direta indica que a definição de objetivos é um passo fundamental para o sucesso.

Da época dos “bancos” escolares até o atual momento, passando pela experiência de ser professora na rede pública brasileira e nos Estados Unidos, aonde sou professora assistente no Departamento de Horticultura e Arquitetura das Paisagens, esse provérbio está entre algumas considerações que se tornaram essenciais e cotidianas.

**“Um pouco de rebeldia até que faz bem”.** Essa é outra grande constatação, pois, antes de começar a compartilhar minha prática enquanto educadora, preciso fazer o que o grande educador Paulo Freire recomenda: “colocar-se no lugar do educando”. Para tanto preciso fazer um breve resgate do meu tempo enquanto aluna.

Avaliando minha educação, acredito que as séries iniciais do ensino

fundamental foram satisfatórias. Aprendi a ler, somar e dividir e devo recordar que fui considerada uma aluna normal, até que os conflitos próprios da adolescência se acumularam na expressão de um intenso senso crítico. Talvez, aquela aluna que questiona o porquê dos conteúdos, as amarras do sistema e os conflitos do mundo, enfim, aquela com a sensação de não saber qual a função da escola.

Esses questionamentos me acompanharam ao longo das séries finais do ensino fundamental e do ensino médio. Nas tardes quentes de verão, durante a leitura dos imensos textos de história medieval, seguidos de um questionário tão longo quanto (ou mesmo maior) que texto, pensava que se eu fosse professora, com certeza não ficaríamos só na sala de aula.

E dito e feito! Mesmo que na verdade, eu não soubesse do que estava falando na época. Porém, anos mais tarde, ao lecionar Ciências, tive o privilégio de ensinar vários conteúdos ao ar livre.

**Sério?** Esse é outro ponto de interrogação corriqueiro. Iniciei minha carreira como professora quase “sem querer”. Estava cursando o quarto semestre do curso de Biologia numa instituição privada. Isso significa mensalidade alta e pouco dinheiro no bolso, quando milagrosamente apareceu a oportunidade de uma bolsa de estudos para lecionar ciências no ensino fundamental da rede pública.

Confesso que hesitei, pois afinal sou filha de professora e além do mais, quem quer ser professor quando essa profissão, embora nobre, sofre um processo de desvalorização crescente a nível nacional? Para ingressar nessa carreira é necessário coragem e perseverança, pois os desafios são imensos... \_Desafios? Ah sim, aceitei.

Claro que dificuldade de várias ordens surgiram devido à situação da educação atual que muitos autores atribuem à crise econômica. Ou ainda à estrutura familiar, à falta de incentivos e políticas públicas, à ruptura social, entre outras palavras complexas que aprendi no meu Mestrado em Educação, alguns anos mais tarde.

Mas uma verdade tem de ser dita, um dos principais problemas que enfrentei foi devido à falta de preparo. As instituições de ensino geralmente nos preparam para o aluno “ideal”, enquanto que o aluno “real” tem de ser decifrado cotidianamente – como diria minha colega de séries iniciais.

**Ah, a minha primeira aula!** Que nostalgia e saudades que sinto agora... Contudo o dom da palavra nunca foi o meu forte. Tive de ler muitos

livros de oratória para poder superar esse bloqueio. Além disso, vários colegas me deram dicas importantes, entre elas:

– “ache um ponto fixo na parede para manter seu olhar, assim você não corre o risco de se distrair...” ou

– “imagine que a sala de aula é uma horta e os alunos são todos cabeças de repolho, assim você se sentirá confiante!”

Pronto! Lá iniciei então, em Março de 1999, entusiástica (para dizer a verdade, nervosa) para a sala de aula, pois, enfim, tinha aprendido a receita. Me apresentei aos alunos e eles a mim, achei o tal do ponto fixo na parede e comecei minha fala, ignorando algumas mãos ansiosas e bocejos regulares.

Acredito que os primeiros vinte minutos foram ótimos. Mas o problema é que o período tinha quarenta e cinco minutos, quando não eram dois consecutivos. \_ “O que fazer então? Acabou-se a carreira de uma professora que nunca será”, pensei. Depois de um silêncio arduo (mas foi só no primeiro dia, depois aprendi que aquele silêncio poderia ser utilizado mais vezes), com receio resolvi olhar nos olhos dos alunos.

Medo, insegurança, paixão ou vocação? Amor à primeira vista, amor pela profissão! Aqui interrompo para comentar que a educação é uma dessas coisas realmente fascinantes que realmente marcam a vida da gente, mesmo sem anunciar.

**“Uma vez professor sempre professor”.** Educar trata-se de uma necessidade como, por exemplo, quando estamos em sala de aula e não vemos a hora de arrumar um projeto em outro lugar ou de nos aposentar. Porém, quando saímos, nos sentimos vazios e até mesmo deprimidos, com saudades daqueles aluninhos (não tão “inhos” como parecem). Muitos de nós vão fazer um concurso para voltar a lecionar.

E assim, se passaram quase dez anos da minha trajetória como educadora na rede pública do sul do Brasil, quando fui desafiada a escrever sobre minha prática<sup>1</sup>. Uma prática que iniciou com ciências para as quintas séries, se ampliou para biologia no ensino médio, inglês, filosofia para as séries iniciais e até mesmo pré-escola. Realmente, os professores são multi-ação - como se menciona nas salas de reuniões.

<sup>1</sup> THAINES, Eliane. *Educação ambiental para as crianças e seus mestres: guia de práticas ao educador. Passo Fundo: Berthier, 2006.*

<sup>2</sup> THAINES, E. & BODAH, B. *Educação ambiental do Brasil aos EUA: um convite à diversidade de práticas em educação ambiental. [Inglês/ Português]. Passo Fundo: Berthier, 2008.*

Depois desse desafio cumprido, um novo desafio surgiu: ir aos EUA

fazer parte de um projeto num centro de educação ao ar livre<sup>2</sup>. Tive de aprender a língua, enfrentar o tal de choque cultural, adaptar-me a comida, ao sistema educacional, à neve, entre outros obstáculos. Depois de um ano, missão cumprida.

Ao retornar dos EUA, no bom e velho conforto da sala de aula, aquela tal de rebeldia começou a instigar-me novamente. Queria mudar o sistema educacional. Fui trabalhar num Projeto para o Ministério da Educação, aonde aprendi mais sobre políticas públicas. Mas isso não foi o suficiente, voltei aos EUA para fazer meu Ph. D.

Resumindo, depois de idas e vindas, estou na sala de aula novamente, agora como professora assistente do Departamento de Horticultura e Arquitetura de Paisagens... Como diz o ditado: “uma vez professor, sempre professor”.

**E a minha mãe, como se tornou professora?** Vou deixar aqui um espaço para ela compartilhar o porquê de ser professora:

*Professora por acaso, educadora com o tempo. Cursando o científico, havia decidido fazer agronomia por ter afinidade com as minhas aptidões. Também, porque, na época, os acadêmicos de agronomia recebiam um salário mínimo como ajuda de custo, além de cursar a faculdade sem ônus.*

*Contudo, no ano que conclui o curso equivalente ao ensino médio, a Faculdade de Agronomia fechou na minha cidade e tive que optar por outro curso: Ciências Naturais, meu pai sempre a me incentivar:*

– “professora? Ótimo! Afinal com quem os doutores aprendem?”

*Mesmo sabendo que era uma brincadeira, me enchia de orgulho saber que meu pai aprovava minhas escolhas. Assim, ingressei na segunda turma de Ciências Naturais da UPF. Como naquela época, havia falta de professores nomeados, logo, em seguida, me vi diante de uma turma de alunos. Não fiz magistério, contava apenas com o fato de dominar os conteúdos dos livros, mas estava sem muita convicção. Faltava algo; ainda não me sentia professora.*

*O tempo foi passando e aos poucos aprendi a me relacionar com os alunos bem como a sentir mais confiança no meu ensinar. Foi quando surgiu a oportunidade de trabalhar num curso de férias para docentes leigos – no qual a clientela era composta por professores, é que realmente me senti professora. Alguns deles estavam a longa data em busca de titulação.*

*Eu trabalhava na disciplina de ciências físicas e biológicas. Esses professores, apesar de suas dificuldades, se mostravam interessados,*

*curiosos em saber se o novo conhecimento poderia ajudá-los em sua prática. Eu pesquisava, estudava e buscava exemplos práticos para tentar atingir a todos, enquanto que crescíamos juntos. Ensinava e aprendia com enorme satisfação.*

*Assim passava-se o tempo, até que fui transferida para minha cidade e tive o privilégio de trabalhar numa das melhores escolas públicas da região. Essa escola tinha um nível alto de aprovações no vestibular, sendo que essa era a meta principal pela qual lutávamos. Além disso, havia o curso normal – também de alto nível, o qual até hoje se mantém.*

*Lutávamos por uma escola de qualidade, éramos respeitados pelos pais de nossos alunos, haviam alunos rebeldes e indisciplinados, mas eram a minoria. Exigíamos de nossos alunos e quando algum deles não atingia a meta, tínhamos respaldo da direção. Foi nessa escola que me aposentei (para sempre - pensava eu) ciente do dever cumprido.*

*Depois de algum tempo aposentada, voltei a lecionar. Alguém poderia perguntar: \_ “Se está aposentada, quais os motivos de ainda lecionar?”*

*Uma das razões é que considero o trabalho a essência da vida, gosto do que faço e acredito na educação! Ao retornar à sala de aula, reiniciei tudo de novo. Comecei no interior com as disciplinas de física e matemática para o ensino médio - voltei a minha escola de origem. Atualmente trabalho no Ensino Fundamental com Matemática.*

*Nessa minha jornada percebi que a sociedade mudou e que nosso aluno tem outro perfil. Contudo, continuamos aqui, convictos de poder contribuir para uma educação de qualidade.*

## Introdução

A crescente preocupação com o rumo dos sistemas educacionais na sociedade atual vem sendo associada com as transformações ocasionadas pela globalização. Processo pelo qual ressignificam-se os conceitos de espaço e comunidade, gerando uma quebra ou “*inversão*” dos valores tradicionais.

Muitos autores atribuem essa quebra à crescente competitividade do mercado de trabalho que obriga os pais a reduzirem seu tempo com seus filhos. Outros atribuem à mídia televisiva ou eletrônica que ocupa cada vez maiores espaços na educação ou “*deseducação dos mesmos*”. Em uma visão mais filosófica, pode-se dizer que as relações virtuais do mundo pós-moderno reduzem a interação e o contato físico entre as pessoas, fato esse que acaba por reduzir o diálogo direto entre os sujeitos, bem como as possibilidades de crescimento mútuo.

Assim a reestrutura, ou ainda, denominada por muitos educadores como “*desestrutura familiar*”, torna-se um obstáculo a ser manejado em sala de aula. Observa-se ainda que transformações significantes nas áreas tecnológicas, informacionais, sociais e ambientais intensificaram-se nos últimos 40 anos, principalmente no sistema de ensino.

Juntamente com essas transformações, pode-se observar a crescente diminuição da presença dos pais ou responsáveis na escola, bem como há um aumento da indisciplina e agressividade, da desvalorização do profissional do magistério, da falta de recursos materiais e financeiros e da sobrecarga de trabalho dos educadores. Os elevados índices de repetência, evasão e fracasso escolar acumulam-se na figura do professor, que muitas vezes, sente-se impotente, deprimido ou até mesmo “*refém*” desse sistema.

Diante disso, não raramente, o professor pensa em mudar de carreira. Isso sem levar em consideração que o mesmo é o elemento central de transformação na luta por salários mais justos e por uma educação de qualidade.

Portanto, o digníssimo (isso mesmo: *digníssimo*) mestre que com a nobre função de educar pode influenciar vidas de maneira extraordinária, inclusive na tomada de decisões subjetivas, sociais, ambientais; e assim tornar-se imortal através de suas palavras. O educador deve resgatar sua imagem no

espelho da vida e assumir sua fundamental importância profissional nos rumos de uma sociedade sustentável e solidária.

Em outras palavras, devemos resgatar os princípios éticos aos quais assumimos na escolha da profissão “educador”. Ser um professor com sabor, um líder real que educa, inova e transforma. Os educadores em sala de aula podem corroborar essa ideia através da práxis pedagógica, ou seja, do exercício de ação-reflexão-ação, do efetivo movimento da teoria para a prática e, desta, para a teoria.

Nesse sentido, visando associar a prática pedagógica com o papel da família na construção de alternativas eficazes, educadoras - mãe e filha, compartilham prática e teoria aplicadas pelas mesmas no cotidiano de sua sala de aula. Fazem isso numa tentativa de obter êxito no sistema de ensino-aprendizagem,

Assim, reúnem uma experiência de aproximadamente quarenta anos de magistério com uma outra experiência internacional no ensino das disciplinas de matemática, física e biologia para o ensino médio, bem como coordenação de área, grupos de estudos, docência orientada no ensino superior, currículo e pré-escola. As co-autoras, participaram e atuaram ainda em diversas áreas do saber que englobam técnicas agrícolas, projetos interdisciplinares de educação ambiental para o ensino fundamental, entre outras.

Desejamos ansiosamente que essa obra solidifique nossas relações enquanto educadores e membros de estruturas sociais, sejam elas comunitárias ou familiares. Mas acima de tudo, aqui se manifesta o caráter intergeracional e afetivo, num diálogo interdisciplinar para o resgate da amorosidade e valorização desse profissional tão importante e corajoso - o professor.

Profissional esse que, muitas vezes, além de dominar os conteúdos, tem de ser artista, malabarista, pai, mãe e amigo. E como se não bastasse, ainda necessita entender sobre psicologia, primeiros socorros, direitos humanos, meio ambiente, sociedade, globalização e informatização; dentre outros temas que somente quem ama tem coragem de desenvolver.

O nosso objetivo através dessas “conversas entre educadoras” além de compartilhar experiências com nossos colegas educadores é dar um grito (isso mesmo, um grito necessário) de alerta para a sociedade a qual supostamente educamos. A qual, também, somos parte.

Diante disso, portanto, somos “educados” através das mudanças ou até mesmo das conformidades que nos rodeiam. O professor necessita de valorização – que inicia num processo interno. Devemos nos valorizar enquanto mestres e formadores de opinião, o ponto de partida pode ser através de uma conversa franca, compartilhando vitórias e desafios.

## **Sobre os meus mestres**

Início meu resgate de memória sobre meus mestres pelo exemplo da luta diária de minha mãe como professora da rede pública; trabalhando sessenta horas semanais para nos dar uma vida digna, e que mesmo exausta, deixava (e ainda deixa) evidente sua paixão pelo magistério.

Como muitos de nós professores, a Profa. Jaira passava corrigindo provas e preparando aula aos domingos, discutindo a situação dos alunos e até mesmo renunciando parte de seu tempo pessoal para atendê-los.

Assim, desde que nasci, minha primeira mestra (Fig. 1) mostrou-me uma vida desafiante dia após dia, mas a qual me espelhei com muito orgulho. Reconheço esse processo mesmo apesar de que escolhi um caminho distinto para iniciar minha jornada educativa.

Por outro lado, a alegria em seu olhar a cada sucesso dos seus alunos, o sorriso espontâneo ao receber um abraço ou demonstração de carinho dos mesmos, a mudança de atitude ou de escolhas influenciadas (mesmo sem perceber) pelo exemplo enquanto professora.

Observar a última gota de perseverança quando os educandos queriam desistir e não o fizeram por causa de seus mestres, reafirma a ideia de que a escola é nosso segundo lar, de que professores têm muitos filhos e familiares, e enfim, de que o educador é realmente uma figura necessária. Mesmo quando não esta em sala de aula, continua ensinando.

Conheço muitos outros educadores que mesmo quando desmotivados continuam motivando seus educandos, quando esgotados buscam sua última gota de energia antes de entrar na sala de aula, e que quando questionados o

porquê de continuar na luta respondem positivamente “o meu aluno merece o melhor de mim”.



*Fig. 1 Jaira Thaines Professora.  
Escola Estadual  
em Passo Fundo - RS, 1973.*

Tive muitos outros mestres em minha vida, tanto no sistema formal de ensino como diariamente, sendo eles colegas, amigos (ah, como os amigos são importantes nessa jornada da vida!) e até mesmo pessoas que tivemos divergências, essas que sem perceber ou que contra minha vontade proporcionaram grandes momentos de aprendizagem.

Até mesmo como dizia Álvaro Vieira Pinto, a sociedade educa o educador, mas minha maior certeza provém do comentário de Einstein, em meados do século XX, de que “somente cheguei aonde cheguei porque subi nos ombros de gigantes”, ou seja, o ser humano é uma construção coletiva e está em constante aprendizado.

Essas confissões fazem-me lembrar de outro dos meus grandes mestres - Professor Elli Benincá. Mestre de muitos outros educadores e também de minha mãe (co-autora desse livro).

Com humildade esse professor tomou parte de seu tempo para me ensinar e apontar a direção que devemos tomar enquanto educadores,

dizendo-me: \_ “há muitos anos atrás, no início da minha carreira profissional, tive que fazer uma opção, enquanto educador... pensei... e desde então, e acima de tudo, optei por meu aluno”.

Essas foram duas experiências profundas e distintas. Contudo, quero dedicar essa obra para todos os mestres que me ajudaram em diferentes momentos em diversas escalas, bem como aos mestres que ainda estão por vir a me ensinar. **Muito obrigada à todos os meus colegas educadores!!!**

## **Os mestres da minha mestra**

Minha mãe por sua vez, teve outros grandes mestres. Aqui deixo o espaço para que ela mesma resgate esses momentos.

*Muitos foram os mestres que admirei, que me impressionaram e que me indicaram caminhos. Mas dois em especial gostaria de mencionar nesse livro: meu pai (Fig. 2) que foi meu primeiro mestre (é difícil para mim falar sobre aprendizagem sem o citar) e o segundo que descreverei posteriormente.*

*Homem simples mas ávido de conhecimento, não frequentou escola, correu atrás do saber, lia tudo o que caía em suas mãos, mas seu forte era matemática, foi com ele que aprendi a “magia dos números” e o prazer de solucionar problemas. Ainda muito pequena, meu pai ensinou-me as quatro operações, conceitos de áreas, volumes e juros, entre outros cálculos.*

*Naquela época a tecnologia era escassa, costumava-se empreitar roças para serem plantadas ou limpas. Para isso, precisava-se calcular áreas, muitas vezes irregulares, falava-se em medição de terras, a água quando não de vertente natural vinha de poços que eram cavados e cujos volumes de terra deviam ser calculados. Falava-se, ainda, em cubação.*

*No interior poucas pessoas trabalhavam com bancos, quando as safras eram boas, costumá-va-se emprestar dinheiro a juros. Meu pai tinha esses conhecimentos que os buscou procurando pessoas que pudessem ensinar-lhe, muitas vezes por necessidade.*

*Outras tantas pela curiosidade ou ainda pelo simples prazer do saber. Meu pai era muito procurado por esses saberes e punha-me a calcular. Muitas vezes, eu ficava receosa, mas seu olhar de aprovação cheio de orgulho, me incentivavam a prosseguir e reforçavam minha auto-confiança.*

*Quando diante de meus alunos me reporto ao passado, sinto o quanto é importante uma palavra de incentivo, um voto de confiança. Meu pai nunca exigiu que eu estudasse, mas falava com tanto entusiasmo de pessoas que venceram através do estudo e de quanto era importante o conhecimento, que isto me contagiava e me deixava pré-disposta a aprender*



*Fig. 2 Pedro Alves Ramos  
Auto-didata. Passo Fundo, 1941.*

*Meu outro mestre – o qual determinou minha escolha pela matemática, foi um professor, hoje doutor, o qual tive o privilégio de ser*

*aluna no ensino médio e também no ensino superior. O que mais admirava nesse professor era seu profundo conhecimento, ele nos fascinava com suas demonstrações de teoremas e na resolução de problemas complexos.*

*Outro fato que me chamava à atenção era sua maneira de desafiar-nos, colocava no quadro um determinado exercício que exigia uma série de pré-requisitos, vendo nossa dificuldade, começava a resolvê-lo, mas lá pelas tantas sem concluí-lo, dando a impressão que não estava encontrando a solução, simplesmente retirava-se da sala dando a aula por encerrada.*

*Contudo, esse fato ao invés de nos desanimar, nos incentivava a prosseguir com entusiasmo em busca de uma solução. Suas provas eram de poucas questões e muito complexas o que nos apavorava. Mas, vez por outra, nos surpreendia permitindo o uso do caderno e no qual para nossa alegria havia uma questão da prova, copiávamos rápido e discretamente como se estivéssemos colando, até hoje não sei se essa questão era obra do acaso ou proposital.*

*Os anos passaram, mas sempre que tenho alguma situação difícil a enfrentar com os meus alunos lembro desse professor que nunca precisou apoiar-se numa aula pronta, mas sim na sua extrema capacidade.*

## Professor(a), eu?

No cotidiano escolar, atuando como educadores quem um dia não se perguntou: \_ professor (a), eu? Tentando encontrar explicações razoáveis para continuar na luta por uma educação de qualidade, ou na tentativa árdua de entender a complexidade que envolve as relações entre educador e sociedade.

Sociedade essa composta por outros professores, alunos, gestores e demais membros da comunidade escolar, e mesmo pela sociedade vigente – a qual segue nos desafiando constantemente. Além disso, essa instabilidade, muitas vezes aparece intrínseca a uma outra questão, como por exemplo: \_ o que eu estou fazendo nessa sala de aula?

Como tradicionais professores “formados”, buscamos avidamente respostas para reafirmar que somos detentores do conhecimento. Quando os alunos nos questionam em sala de aula, muitas vezes tendemos a ter a resposta na “ponta da língua”, ou melhor, na “ponta do giz” (ou do canetão).

Contudo, queremos que nossos alunos pensem por conta própria e sejam ativos na sociedade, para tanto não necessitaríamos dar respostas e sim continuar questionando. Questionar as várias facetas da realidade, que hoje em dia se dá através da relatividade, ou seja, deveríamos concordar que a verdade absoluta supostamente não seria uma verdade.

Não gostamos de ser taxativos, mas geralmente classificamos nossas emoções e reações em categorias. O auto-conhecimento é fundamental para o sucesso da nossa profissão. Assim, continuaremos os questionamentos sugerindo que enquanto mestres, façamos uma auto-avaliação através do questionário a seguir, visando refletir sobre a nossa situação atual no desempenho do magistério.

Ao fazer a leitura das seguintes questões, escolha a que mais se aproxima da sua vida enquanto educador. Ao final, a média das respostas escolhidas pode ser verificadas através de um parecer da pontuação obtida.

Marque a definição que mais se aproxima de sua resposta:

**1) Quem sou eu?**

- a) professor que não vê a hora de se aposentar
- b) professor seguro e experiente
- c) professor em busca do novo
- d) a e c estão corretas

**2) Quais meus objetivos de vida, minhas crenças, ideais e esperanças para daqui cinco anos?**

- a) não consigo identificar claramente
- b) tenho-os definido em mente
- c) as experiências os reconstroem constantemente
- d) b e c estão corretas

**3) O que espero de meus alunos hoje?**

- a) que não me incomodem, copiem a matéria e fiquem quietos
- b) que eles prestem atenção na minha fala, façam os deveres de casa e tirem boas notas
- c) que sejam questionadores, pensem sobre relações sociais locais e globais
- d) a e c estão corretas

**4) Durante a elaboração de uma prova, prefiro:**

- a) utilizar provas do semestre ou ano anterior
- b) questões com respostas fechadas e gabarito
- c) questões abertas com respostas múltiplas
- d) variar a metodologia de acordo com o conteúdo

**5) Na avaliação dos alunos, costumo:**

- a) baixar pontos na média por conversa, falta de capricho e de atenção
- b) ser exato e preciso, ou seja, o aluno tira a nota que merece
- c) deixar um espaço flexível para a auto - avaliação
- d) não sei ao certo

**6) Durante o ano escolar:**

- a) sigo a rotina determinada pela direção da escola, o plano de estudo ou o livro didático
- b) trabalho com muito empenho e mantenho o controle dentro de minha sala de aula, priorizando “vencer” todos os conteúdos
- c) costumo intercalar as atividades teóricas com no mínimo 25% de aulas práticas e saídas de campo
- d) b e c estão corretas

**7) Quando um grupo de alunos está distraído o grande grupo, uso as seguintes estratégias:**

- a) fazer advertência oral, encaminhar à direção ou informar os pais
- b) mudar os alunos de lugares ou alterar a nota dos mesmos
- c) planejar atividade extra procurando envolver os alunos
- d) todas as respostas anteriores estão corretas

**8) Sobre minha vida intelectual:**

- a) não lembro quando terminei de ler meu último livro
- b) procuro ler um livro por ano para me atualizar
- c) procuro ler livros para relaxar
- d) leio para relaxar e para me atualizar

**9) Minha opinião sobre projeto interdisciplinares:**

- a) servem apenas como pretexto para diminuir o tempo em sala de aula
- b) são muito bons no papel mas difíceis de aplicar no dia-a-dia
- c) são trocas de experiências entre colegas e instrumentos de transformação
- d) b e c estão corretas

**10) Sobre alunos com baixo rendimento escolar acredito que:**

- a) os alunos têm muitas chances e não aproveitam; no meu tempo não era assim
- b) todos têm a mesma chance, basta se esforçarem
- c) a sociedade atual exige uma nova metodologia de ensino e avaliação
- d) todas as respostas anteriores estão corretas

Vamos verificar a nossa pontuação a seguir. Conte suas respostas e veja se marcou mais as opções a, b, c ou d. Depois compare as sócio-definições abaixo. Suas críticas e sugestões sobre esse teste podem ser enviadas para o email [eliane.thaines@hotmail.com](mailto:eliane.thaines@hotmail.com)

**A - Professor no limite:** muitos ainda nessa faixa costumam se definir como professor sofredor, embora essa seja uma palavra pesada e carregada de inesperança. Infelizmente, essa sobrecarga é muito comum na rotina de nossas escolas. Ao entrevistar educadores de diversas escolas no Brasil e até no exterior pode-se evidenciar o uso dessa palavra no cotidiano dos educadores. Muitas vezes, somos tomados por uma desesperança que deve ser canalizada para práticas motivacionais.

**B - Professor tradicional:** disciplinado, organizado, necessita de uma rotina... uma auto avaliação aqui seria “tenho domínio dos conteúdos e de classe. Me esforcei muito para chegar até aqui e estou satisfeito comigo mesmo, mas esses alunos...”. Geralmente esse professor se mostra eficiente em sala de aula, mas apresenta sobrecarga de trabalho.

**C - Professor inovador:** quebra de rotina, projetos, viagens e passeios são atividades que chamam a atenção desse educador. Na verdade, aventura é o pano de fundo nesse caso, apesar de alguns colegas e superiores definirem essas atividades como perda de tempo ou até mesmo “matação”.

**D - Professor em construção:** uma mistura de estratégias e planejamentos que se re-constroem diariamente fazem parte da vida desse profissional, que está aberto ao novo.

Uma interpretação mais elaborada dessas respostas fica livre para cada um de nossos colegas. É importante lembrar que a avaliação corresponde ao processo da práxis pedagógica: ação-reflexão-ação. Assim, nossas respostas direcionam o gerenciamento da nossa prática e o sucesso que buscamos



## Autoridade sem ser autoritário

Ter autoridade sem ser autoritário é a meta dos grandes líderes que marcaram positivamente a humanidade. Mesmo sem perceber sua capacidade de liderança, o professor acima de tudo é um líder, pois coordena atividades e é a voz guia na sala de aula. Enquanto educadores devemos aperfeiçoar nossa capacidade de liderança, visando ser um bom exemplo, demonstrando coerência entre a fala e a ação.

Isso me remete a um fato, no qual li na delegacia de polícia de meu estado a seguinte frase: “as palavras convencem, mas os exemplos arrastam”. Um local interessante e estratégico para se colocar uma frase como essa. Refletindo sobre a prática pedagógica pode-se entender então que: se eu disser aos alunos ou familiares que fumar faz mal e eu fumar, o tempo poderá mostrar-me que imagens (exemplos) exercem uma influência maior do que as palavras.

Ou ainda, se eu disser que todos os alunos devem ler pelo menos um livro por ano, mas eu nem lembro quando foi o último livro que li, não estou sendo coerente. Lembremo-nos da “moral de calças curtas”... mais uma vez, necessito ser coerente na tentativa de conectar teoria e prática.

Nesse, sentido gostaria de compartilhar a estória abaixo, que ouvi num encontro de formação em 2008 e achei ótima:

*Uma mãe aflita com seu filho diabético, que não parava de comer açúcar, após várias tentativas frustradas para fazê-lo mudar de hábitos, ficou sabendo de um famoso guru que vivia no topo de uma montanha (típico, não é mesmo?) e cuja fala exercia uma influência positiva na vida das pessoas que o visitavam. Desesperada, pensou: “se esse guru é tão poderoso, ele vai fazer meu filho parar de comer açúcar!”.*

*Então, decidiu visitá-lo com seu filho. Arrumou as malas, enfrentou uma longa viagem de trem, severos dias de escalada para o topo da montanha, passando por chuva, frio, umidade... Enfim, na frente do guru, explicou a situação e disse: - “senhor guru, no seu grande poder, por favor, fale ao meu filho para parar de comer açúcar”.*

*O guru hesitou por alguns instantes e disse: -“voltem daqui uma semana”. A mãe resignada pegou seu filho, desceu a montanha, caminhou muito até encontrar hospedagem; e passada uma semana escalou em direção ao topo da montanha de novo, na busca da efetiva mudança na vida de seu filho.*

*Ao chegar no topo da montanha novamente, o guru segurou as duas mãos do menino, olhou nos olhos dele por algum tempo e disse com uma voz firme: -"criança, pare de comer açúcar". Largou as mãos do menino e retornou a meditar. A mãe indignada, exclamou: -"é só isso? Você não poderia ter dito isso na semana passada? Passamos a semana inteira na expectativa, escalei essa montanha duas vezes, para você dizer uma frase que poderia ter dito a semana anterior e nos pou- pado essa espera!"*

*Sabidamente, o guru na sua calma respondeu: - "senhora, como eu poderia dizer para seu filho parar de comer açúcar na semana passada, se EU estava comendo açúcar naquela semana?!"*

Além de agir com coerência, outro fator que devemos ter em mente é que o diálogo é necessário, enquanto que o confronto depreciativo, não o é. Devemos ainda, estimular o diálogo, valorizando os saberes dos outros; sejam estudantes, colegas e/ou demais membros da comunidade escolar. Nenhuma ideia é vazia de significado e, portanto não deve ser ignorada.

Estudiosos têm abordado uma comunicação não-violenta, usando uma linguagem não-ofensiva. Dalai-Lama, por exemplo, liderou o sucesso da independência da Índia (então colônia da Inglaterra) através de ações pacifistas, pregando uma cultura sem guerras e falando ao nível de seu povo.

Assim, as probabilidades de sucesso são maiores. Isto é, obteremos êxito ao falar com os alunos no nível deles (o que significa passar a mensagem, mas não necessariamente incorporar a linguagem comum das gírias).

Ainda, a todo momento estamos definindo nosso futuro. Em geral, as mudanças que nos cercam ocorrem por nossa escolha ou falta dela (teoria da ação-reação ou omissão). Portanto escolher fazer alguma coisa é a melhor maneira de aproveitar nosso tempo e evitar que outros decidam pela gente, ou melhor, devemos ser os autores de nossa trajetória.

Sobretudo, devemos agir como um líder e não como um chefe autoritário. Qual a diferença entre líder e chefe? Num resumo simplístico, chefe é aquele que obedecemos por alguma forma de hierarquia ou medo, enquanto que o líder é aquele que nos espelhamos e seguimos voluntariamente ou mesmo sem perceber.

Programas de liderança vêm demonstrando que o melhor conselho para um indivíduo na busca do sucesso é encontrar um mentor, alguém que esteja bem sucedido na área a qual se almeja. Como professores, porque não aproveitar a posição de liderança para sermos também mentores?

Aqui sugerimos uma breve reflexão: - Você é capaz de identificar seu mentor? Em que aspectos ele lhe influenciou ou continua influenciando a sua vida?

Outras dicas básicas, mas importantes sobre relações humanas podem ser encaixadas aqui, tais como: respeitar a opinião dos outros e não interrompê-los durante explicações; aceitar e oferecer crítica construtiva, criticando o comportamento e não a pessoa; rir *com* os alunos e colegas, e não *dos* alunos e colegas.

Se mesmo assim, a aula não esta sendo desenvolvida como gostaríamos, devemos refletir por um momento para:

- avaliar o porquê da técnica não estar funcionando, perguntar aos educandos e a si mesmo;

- resgatar a sua concentração;

- dividir o plano de aula através de objetivos de curto prazo, sendo esses mais fácil de alcançar;

- utilizar todos os recursos disponíveis; sejam audiovisuais, elementos do meio físico-natural, livros, jornais, revistas, quadro e giz, entre outros;

- usar analogias e metáforas como, por exemplo, pequenas estórias para despertar a curiosidade dos educandos;

- encorajar a participação dos alunos, através de desafios e abertura a questionamentos;

- considerar que cada aluno possui uma forma diferente de perceber e apreender os conteúdos.

Devemos ainda evitar as seguintes ações porque, na verdade, elas são ineficazes, tais como:

- parar o grupo sempre que não se obtêm êxito;
- usar termos negativos para respostas ou longas explicações;
- pensar que é pessoal e os educandos estão de conspiração;
- presumir que existe somente um caminho para se chegar ao resultado final;
- subestimar a capacidade dos alunos.

Se os alunos agem com falta de respeito ou total desinteresse, devemos:

– avaliar a situação mentalmente, depois revisar os valores e o impacto de ações no grande grupo, mas acima de tudo é importante que essa situação não seja ignorada, ampliada ou que sirva de influência para os demais alunos;

–escutar e perceber as limitações ou potencialidades; ser empático, flexível e conversar individualmente com cada integrante do grupo, cuidando para que não se sintam humilhados ou excluídos;

–organizar trabalhos em grupos colocando alunos com diferentes habilidades para compartilhar tarefas.

Acima de tudo, devemos lembrar o que Paulo Freire disse em sua pedagogia da autonomia - educar exige ética e estética.

A primeira palavra ética exige um comprometimento entre a missão de educar e contribuição para a formação de cidadãos conscientes (ou no mínimo sensíveis) e preparados para atuar na sociedade atual. Fazendo isso, de acordo com valores intrínsecos de solidariedade e responsabilidade consigo mesmo, com outros seres humanos e com os demais seres vivos do planeta.

Já a segunda palavra - estética, é considerada por alguns professores

como secundária, apesar de exercer um papel importante na construção e fixação do conhecimento cotidiano.

O ambiente que envolve o processo de ensino-aprendizagem é muito importante, por exemplo, uma sala-de-aula colorida, arejada e decorada com plantas ou experimentos é parte indispensável para a ancoragem lúdica e a harmonização do ambiente. Isso contribui para que a criatividade flua, valorizando a participação do aluno e até mesmo serve para ilustrar a teoria que envolve os conteúdos ensinados.

Na estruturação da nossa liderança enquanto educadores, devemos ainda analisar a opinião dos alunos sobre a escola e sobre a nossa prática.

## A escola não me interessa

Quem nunca percebeu de relance, na linguagem corporal dos alunos, a afirmação de que “a escola não interessa”?

Devemos levar em consideração que nossos alunos são diferentes nas formas de aprendizagem e portadores de inteligências múltiplas. Além disso, o cotidiano escolar é dotado de grande diversidade pois, cada comunidade possui uma realidade social e ambiental específica.

Contudo, alguns fatores obviamente contribuem para a falta de interesse dos alunos. Vamos analisar a seguir a opinião de Brian W. Bodah (educador americano) que foi entrevistado especialmente para esse capítulo na tentativa de desvendar o porquê da escola não interessar a alguns alunos.

### Entrevista com Brian William Bodah

*Talvez o que torne a escola ‘desinteressante’ para certos alunos seja o fato de que eles são obrigados a frequentá-la ou ainda, isso pode ser o reflexo da pedagogia de certos professores que perderam sua paixão de ensinar...*

*Um agravante tange o atual processo de avaliação, o qual se restringe à exigência de que o aluno tenha de memorizar os conteúdos para provas na busca de atender os requerimentos dos níveis educacionais. Porém, ensinar e exigir aprendizado em salas de aulas lotadas é uma realidade comum nas escolas, seja no Brasil ou nos EUA. Isso porque salas de aulas com menos alunos implicam em maiores recursos e investimentos; mas contribuem imensamente para o processo de ensino-aprendizagem.*

*Esses são apenas alguns fatores que apesar de contribuírem para o desinteresse escolar, não resumem todo o problema. Observa-se que muitos estudantes estão perdendo a noção de respeito em diferentes situações. Para remediar os seus efeitos dessas atitudes, necessitamos professores preparados e, portanto, bem pagos.*

*Se compararmos a escola a tudo que se rege pela teoria do mundo natural, na qual o mais forte sobrevive, estamos no caminho para entender os fatores que levam à agressividade. Analisar a natureza humana é parte desse processo.*

*O bom senso do “meio termo” perdeu-se com o tempo. No passado, os professores podiam corrigir os seus alunos, assim como os pais podiam punir seus filhos. Hoje, mal podemos repreender as crianças.*

*Claro que essa mudança decorreu de certos abusos, mas um protecionismo exagerado acaba por resultar em indisciplina. Nem o castigo tradicional como, por exemplo, evitar sair do quarto para brincar antes de um teste, pode ser aplicado. Para muitos, o castigo atual se torna uma maneira de fugir das tarefas pois a maioria das crianças tem TV, celular, i-pod, video game e outros aplicativos modernos para desviar o tempo que serviria para reflexão.*

*Nesse sentido, nos resta reedificar nossas relações com as crianças, deixando clara a nossa função enquanto educadores (pais ou professores) de responsáveis pelo processo educacional das mesmas.*

A realidade acima descrita pelo educador americano Brian William Bodah pode ser encontrada em diversas partes do mundo. Isso porque mesmo contrastando com extrema falta de recursos em certos locais, com a globalização estamos redefinindo as fronteiras e reconstruindo a noção de identidade.

Uma das soluções baseia-se que no fato de que a amorosidade e a disciplina podem vencer a agressividade. Durante alguns anos de trabalho como educadoras no Brasil, especialmente na rede pública de ensino, percebemos que os alunos são provenientes de distintas realidades e que, boa parcela não recebeu formação familiar voltada para os valores básicos. Ou ainda, nenhuma noção sobre a real importância da escola e do saber (saber ser, fazer, conhecer, compartilhar e preservar).

Mais uma vez, salientamos que são muitos os fatores que contribuem para o direcionamento de uma indignação sadia e necessária do educador, tais como, um sorriso ou olhar profundo dos seus educandos, um grito depois de solucionar uma equação difícil na prova de matemática, um desenho mal traçado, um poema ou um gesto de carinho.

Essas ações revelam a inocência de quem ainda não compreende a complexidade das relações na vastidão do mundo - um abraço que alimenta a chama da esperança e que em muitas culturas os alunos não podem dar a seus mestres.

O educador deve deixar que esses momentâneos gestos tomem conta de seu ser para que rompam as amarras do sistema exploratório vigente, fortalecendo o desejo de continuar a luta por uma educação de qualidade, por um salário digno, por respeito e pela consideração da sua comunidade, de seu povo e de seu país.

Se assim for (e é em boa parte dos casos), parte dos desafios são superados pelos próprios educadores na sua vivência cotidiana na escola. Obtém-se, então, uma configuração multidisciplinar e criativa para o termo educador: professor-artista, malabarista, lutador, multiplicador, mediador, trabalhador, companheiro, orientador, formador e acima de tudo aprendiz.

Essa configuração na luta contra as adversidades sociais e a problemática ambiental - educando para a preservação, para a solidariedade, para o respeito a vida, é ainda mais forte quando se trata da amorosidade do educador brasileiro. Devemos nos apoiar em muitos educadores que consideraram o amor como mola propulsora da educação.

Entretanto, como pode o educador brasileiro partir da indignação sadia e da amorosidade para chegar ao processo de redução da agressividade, ou para fazer da escola um lugar mais atraente?

Resgatamos aqui, o que o professor Elli Benincá nos ensinou: o educador deve desenvolver sua práxis como um caminho que se propõe transformar a prática pedagógica através da reflexão e da resignificação. Isso porque a prática refletiva transforma o senso comum e torna o ser humano sujeito.

A cada expressão ou manifestação que envolva agressividade por parte dos alunos, devemos avaliar os fatores gerados da mesma, como, por exemplo, falta de interesse ou tentativa de chamar a atenção do grupo.

## **DICAS:**

Como educadores, somos especialistas; e como especialistas, não gostamos de ser ensinados como devemos resolver nossas situações cotidianas. Porém ser solidário pode trazer mais benefícios do que ser solitário – o ser humano é um ser social.

Resgatamos aqui, um tópico essencial. Antes de sermos especialistas somos seres humanos, e portanto nos educamos em comunhão, mediatizados pelo mundo, conforme afirmava Paulo Freire. Mas o que mesmo que isso quer dizer mesmo? Vamos nos despir de pré-conceitos e realmente aplicar a tal da interdisciplinariedade.

Meus colegas têm muito a oferecer na resolução de um problema que enfrento ou na busca de estratégias para uma nova linha de ação. Mesmo sabendo que o mundo atual caracteriza-se pela predominância de um sistema extremamente competitivo, para uma transformação real de problemas sociais, não precisamos de pessoas ainda mais competitivas (embora aparentemente elas sejam bem sucedidas). Precisamos sim, é de pessoas cooperativas, criativas e inovadoras.

Em cursos de formação, às vezes, discutimos o comportamento do tubarão - um dos maiores e mais assustadores predadores aquáticos: competitivo e solitário. Predador esse que se sente intimidado pelos golfinhos (que parecem tão inofensivos...). Com excelente habilidade comunicativa, atuando em grupos, na verdade os golfinhos são animais cooperativos e solidários.

Um tubarão não atacará um grupo de golfinhos porque eles têm estratégia (essa é a palavra-chave). Tubarões sempre vão existir, mas o mundo necessita urgentemente de mais golfinhos. Nesse sentido cooperativo, a seguir listamos alguns tópicos que podem ser trabalhados interdisciplinarmente:

– Recursos hídricos: pesquisa na comunidade local através de questionário para saber a fonte dos recursos hídricos, bem como o seu tratamento. As respostas podem ser elaboradas com a participação de professores de português e ciências; a análise dos dados pode ser auxiliada pelos professores de matemática; e a educação artística pode promover uma campanha para divulgar os resultados. Essa temática pode ser conectada com

a problemática que envolve os recursos sólidos através da educação ambiental.

– Plantio de árvores, jardim ou horta escolar: o planejamento pode ser com o auxílio dos professores de geografia e ciências; a disciplina de matemática pode ser utilizada para calcular o volume e a área do terreno; e os gestores e pais podem auxiliar no acompanhamento do desenvolvimento das plantas.

– Temas geradores: são temas mais amplos, que podem abranger todas as disciplinas num intuito de atingir objetivos globais, como por exemplo, cultura de paz na escola, prevenção da dengue, entre outros. Educadores podem anualmente eleger um tema comum a ser desenvolvido durante o ano letivo.

## Que tal inovar na educação?

Mudar as nossas práticas pode ser uma das soluções para o problema da indisciplina ou para tornar a aula mais atraente. Aqui resgatamos uma opção de “educação” utilizada e adaptada por nós, que foi publicada na Revista Somando, em Passo Fundo-RS no ano de 2008.

*“Do lado de fora da nossa sala de aula existe um novo mundo a ser descoberto pela linguagem dos sentidos... Inicialmente, podemos assumir que o vento soprando em nossas faces tem muitas histórias para contar, adquiridas por meio de sua viagem em diferentes lugares tocando muitas outras faces”.*

*Para compreender essa mensagem, basta apenas que dediquemos um de nossos momentos enquanto educadores, escutando e experienciando o meio natural com mais liberdade, ou seja, ao ar livre.*

*Além disso, precisamos levar em consideração que durante anos, na luta pela construção de relações sustentáveis e solidárias dos seres humanos entre si, para com os demais seres vivos do planeta e para com os seus respectivos habitats, aprimoramos muitos processos educativos alternativos que contribuem para a promoção eficaz da Educação Ambiental.*

*Dentre esses, podemos destacar a educação por projetos e parceiros nas escolas, a atuação de ONGs - Organizações Não Governamentais via grupos ecológicos, bem como outras iniciativas relevantes.*

*Portanto, enquanto educador subentende-se que estamos imersos em um terreno de inovações, e foi resgatando-se uma terminologia proposta e utilizada por sucessivos anos em centros naturalistas de ensino que emerge a proposta de uma “educação ao ar livre”.*

*Ainda, conhecida como outdoor education, caracteriza-se como uma forma de interação sócio-ambiental e subjetiva, criando no meio externo, mecanismos alternativos de fixação ou interpretação de conceitos e relações ecológicas como um todo.*

*Essa metodologia educativa teve origem juntamente com acordos internacionais para definir as dimensões da Educação Ambiental, em meados de 1970, em busca de experienciar conhecimentos e aprendizagens que não poderiam ser completos apenas no ambiente de uma sala de aula. Consolidou-se, também, como um relevante contraponto para a crise ecológica, intensificada com o período moderno.*

*Ao desenvolver estudos e pesquisas como educadores ambientais naturalistas em centros educativos, pode-se facilmente observar o profundo impacto que esse conjunto de atividades desempenha nos educandos.*

*A grande vantagem da educação ao ar livre parte da proposição de que a mesma não exige uma grande infra-estrutura, e pode ser aplicada para todas as faixas etárias, dentro ou fora do sistema formal de ensino, por meio de classes de curta duração, mas de profundo impacto.*

*Podem ser mediadas, monitoradas ou facilitadas adequadamente por educadores ambientais independente do campo de sua formação inicial, porque de todas as maneiras, os resultados conduzem para a multi, inter ou transdisciplinariedade.*

*Trilhas ecológicas, jogos ao ar livre, passeios de campo e aulas experienciais podem fazer parte desse processo educativo. Embora essas atividades possam parecer desafiadoras, são extremamente atrativas, maiores informações sobre essas práticas podem ser encontradas no livro “Educação ambiental para as crianças e seus mestres”.*

## E o bicho da matemática?

A disciplina de matemática é temida por muitos educandos. Nada melhor do que desvendar o chamado “bicho da matemática” analisando a experiência de uma professora da área. Aqui, a professora Jaira Thaines novamente manifesta sua opinião em educação sobre o que fazer para gostar de matemática.

*Toda pessoa pode gostar e aprender matemática desde que haja material adequado e orientação específica. A criança tem um potencial inesgotável e um ritmo próprio que deve ser respeitado. De forma suave mas contínua, a criança adquire auto-confiança e vai gradativamente se apropriando dos conhecimentos básicos e raciocínio lógico.*

*Além disso, o estudo se torna um prazer quando a criança adquire o hábito de estudar diariamente com o apoio de um familiar, num ambiente próprio. Salientamos aqui que outro fator importante na matemática é que seu início seja anterior ao ensino fundamental: os pais são os primeiros professores.*

*A falta de base é um fato constatado por nós professores e é a maior dificuldade encontrada para que o aluno tenha um bom desempenho e possa gostar da matemática. Contudo, nós mesmos somos os responsáveis por essa queixa geral. A nós, cabe o papel de facilitadores, ou seja, de apontar atalhos e caminhos mais simples que facilitem o entendimento do aluno.*

*Porém, atualmente entende-se que facilitar é tornar as avaliações menos rigorosas, é exigir menos do aluno, promovendo-o muitas vezes sem condições. Isso somente acaba por causar desprazer do mesmo diante da complexidade da matemática, ao contrário do esperado entusiasmo do aluno quando, por exemplo, os conteúdos básicos forem dominados.*

*A preocupação dos professores das séries iniciais deve ser preparar o aluno para as séries finais, bem como a do professor das séries finais deve ser preparar o aluno para o ensino médio e assim por diante.*

*Como professora do ensino médio por muitos anos, sempre constatei a dificuldade que os alunos enfrentavam por falta de preparo adequado. No ensino fundamental normalmente trabalhamos muitos conteúdos, exageramos nos exercícios, mas não nos atemos ao que realmente é pré-requisito para o ensino médio.*

*O professor do ensino fundamental deveria estar apto e adquirir conhecimento para desempenhar com seus alunos um trabalho eficiente voltado para a continuidade dos estudos nos níveis seguintes... En- fim, de acordo com o Método Kumon “em matemática, ter conhecimentos básicos significa ter a capacidade de cálculo, fazendo-o no menor tempo possível.”.*

### **DICAS: Avaliando em Matemática**

*Na área da educação, muito se fala sobre avaliação e creio que todo educador já leu e refletiu muito sobre o assunto. Avaliar é algo difícil e particular somente o tempo e a prática nos leva a exercê-la de forma mais justa e eficaz.*

*Como minha experiência no ensino fundamental é recente encontrei inúmeras dificuldades ao deparar-me com alunos desmotivados e desinteressados para aprender, gerando sérios problemas de indisciplina.*

*Por exemplo, no primeiro dia de aula falei que minha avaliação seria o somatório de todas as atividades diárias, ou seja, da resolução de exercícios, testes e trabalhos; enfim uma reova que englobava também frequência, atitudes, participação e interesse, entre outros fatores.*

*Recordo que quando falei como seria meu trabalho alguns alunos prestaram atenção, mas uma maioria ignorou. Não levou muito tempo para descobrirem que havia coerência na minha fala e no meu agir. Abaixo seguem algumas estratégias onde valí-me da avaliação para chamar a atenção e despertar o interesse do meu aluno:*

*– Após explicar um determinado assunto e fixá-lo através de exemplos solicito que resolvam alguns exercícios, coloco-me a disposição para esclarecer dúvidas e fico observando a atitude de cada um; alguns me procuram para ajuda, quando necessário faço o exercício no quadro e retomo a explicação chamando a atenção de todos.*

*– Me aproximo quando percebo algum aluno com dificuldade, alguns se “aproveitam” da situação e nada fazem, porém, deixo-os à vontade. Próximo ao final da aula chamo os alunos para avaliar seu desempenho não pelos acertos e sim por seu esforço, atribuo uma nota que será acrescida as demais.*

*– Se uma grande maioria está dispersa, faltando alguns minutos para encerrar o período, peço que passem a limpo alguns exercícios, recolho e avalio. Se marco um tema, na data verifico e atribuo nota. Para isso, as estratégias são as mais variadas, às vezes, de surpresa. Os trabalhos não são marcados, geralmente se o aluno perdeu aula sem justificativa e se houver um trabalho perderá duplamente, pela falta e pelo trabalho.*

*– Não exijo atestado e todos os meus alunos terão oportunidade de repor alguma nota, já que os pesos são variados. Cada um com o peso que lhe cabe. Através de uma segunda prova no final do trimestre, cada um a seu tempo descobre que sua nota está sendo construída. Então, começam a ter interesse e curiosidade pela sua situação. Porém, infelizmente não se atinge a todos, na sétima série houve um número elevado de reprovações.*

*– Não sei aprovar um aluno que não teve aproveitamento e não atingiu os pré-requisitos para a série subsequente; isso também foi um modo de fazê-los entender que reprovariam sim, se não estivessem aptos e desmistificar a crença de que se agissem como bem entendessem no final seriam aprovados. Aqui refiro-me a “apto num sentido amplo e global.”*

*A promoção do aluno não deve ser definida somente por provas nem tão pouco por trabalhos, mas sim pelo crescimento gradativo do aluno tanto no conhecimento como também nas atitudes. A matemática é uma ciência que favorece esse processo. No decorrer do tempo essa troca de valores entre meus alunos chega a um bom termo, sendo que os finalistas saem aptos a enfrentar o ensino médio.*

## Senhores pais ou responsáveis...

Iniciamos esse ítem com o título do tradicional bilhete que nós professores mandamos para os pais (ou responsáveis) na tentativa de unir forças na resolução de problemas cotidianos de ensino-aprendizagem ou para a correção de comportamento e indisciplina.

Entretanto, a participação dos pais na escola vem decrescendo com o passar dos anos; fato esse que nos preocupa enquanto educadores. Muitos estudiosos falam em desestrutura familiar e social. Outros, ainda, dizem que passamos por um período de instabilidade pós-moderna.

Enquanto educadores, quem algum dia não foi (ou ainda será) surpreendido com as seguintes reconceituações do conceito de família: “a namorada do meu pai é dois anos mais velha que eu e tá esperando nenê” ou “moro com meu avô porque o namorado da minha mãe bebe e pode me bater”.

A lista é crescente e novas afirmações surgem diariamente, tais como “meu pai não paga pensão porque ele tem mais filhos e tá desempregado” ou “prô acho que a minha menstruação tá atrasada... é verdade que existe um chazinho pra fazer descer?”.

Nesse novo contexto, precisamos reavaliar nossas atitudes e estratégias enquanto educadores para trazer a família de volta na escola. A família de hoje, de qualquer maneira que se entenda: a mãe ou o pai solteiro, pais casados, biológicos, de coração, avós, irmãos, tios... Enfim os responsáveis!

Os projetos comunitários parecem ser mais atrativos do que as tradicionais reuniões de pais. Devemos utilizar essas oportunidades para enfatizar o quanto a família é importante no desenvolvimento das crianças e adolescentes, principalmente porque os mesmos tendem a refletir a realidade na qual estão inseridos.

Através de uma atividade com a família, deve-se deixar claro que a educação pode se dar de três maneiras: formal (nas instituições oficiais, como por exemplo, na escola), não formal (através da socialização com a família, comunidade e sociedade) e informal (informação recebida através dos meios de

comunicação, como por exemplo, programas de rádio e TV).

Nesse sentido, mesmo que a escola através de seus professores e gestores faça tudo que está ao alcance, isso representará apenas um terço da educação do aluno. Então, o apoio da família no processo de ensino-aprendizagem é fundamental. Por exemplo, toda vez que eu pronunciava uma palavra errada enquanto criança, o responsável ao meu redor a corrigia.

Sabemos que é uma tendência dos pais se equipararem ao nível de desenvolvimento dos filhos. Assim, quando a criança diz “cucu” ao invés de suco, os pais numa tentativa de estabelecer uma comunicação interativa com a criança, acabam por oferecer “cucu” à criança, sem pensar nas consequências que isso poderia acarretar no desenvolvimento cognitivo. Quando a criança deixa a família para entrar na escola e diz “cucu” para seus colegas, pode ser que seja exposta à uma situação negativa de aprendizado.

Ao longo da vida escolar do aluno o ideal é que os pais continuem acompanhando seus filhos, olhando os cadernos e temas de casa. Alguns pais se intimidam nessa trajetória, dizendo que não podem fazer nada porque não aprenderem esse conteúdo. Um outro extremo nessa questão, refere-se geralmente a mãe que acaba por “fazer” as tarefas da criança numa tentativa de ajudá-la.

Nenhum desses extremos acaba por realmente ajudar a criança em seu desenvolvimento. Os pais ou responsáveis não necessitam saber o conteúdo para fazer com que a criança aprenda. O que realmente importa é que a criança sinta a presença e acompanhamento dos pais, ou seja, sinta-se valorizada.

Essa conexão se transfere ao longo da vida, fortalecendo os laços afetivos. Disciplina é fundamental nesse processo e mesmo que escola e família desempenhem suas funções de uma maneira eficaz, ainda devemos levar em consideração o papel da mídia no desenvolvimento das nossas crianças.

Se cada um de nós assumir nossa parcela de responsabilidade na educação das futuras gerações, realmente construiremos uma sociedade mais justa e solidária, bem como contribuiremos para fazer de nosso planeta um lugar equilibrado e sustentável.

## Temas relevantes

As crianças não são apenas o futuro do planeta, mas sim o nosso tempo e investimento presente. Escolhemos dois temas relevantes para a qualidade de vida de nossas crianças: uma alimentação saudável e o direito de brincar, que são descritos a seguir.

### **Uma alimentação saudável**

A alimentação saudável é uma preocupação crescente nos dias atuais porque a população mundial continua crescendo e demandando mais alimentos de qualidade através de métodos eficazes e sustentáveis. Assim, a agroecologia entra como uma alternativa muito importante na produção orgânica e sustentável de alimentos, principalmente, devido ao fato de que é desprovida do emprego de agrotóxicos ou químicos agrícolas tradicionais.

Numa tentativa de verificar os prós e contras de uma prática agroecológica – desde os investimentos iniciais na lavoura até a inserção do produto no mercado, passamos o mês de maio de 2008 analisando uma experiência bem sucedida na Amarosia Organic Garden / Jardim Biologique, no estado de New Brunswick, Canadá.

Essa fazenda adotou a agricultura orgânica como princípio, através do resgate de uma produção de alimentos sem agro-químicos, incentivando técnicas manuais (contribuindo para a geração de emprego), de baixo impacto ambiental. Bem como, através do controle biológico e da preservação da biodiversidade.

Depois do processo de plantio e colheita, percebe-se que geralmente, os produtos orgânicos apresentam um custo maior, mas esse é um custo que se justifica. Quando comparamos os benefícios a médio e longo prazo, percebemos que ao consumir orgânicos, estamos contribuindo não só com o meio ambiente, mas sim com a geração de emprego e renda. Mas acima de tudo, estamos fazendo um investimento preventivo na nossa saúde.

Podemos lembrar que o uso de agroquímicos para combater as pra-

gas da lavoura foi aceito na modernidade, sendo uma alternativa eficaz na produção de alimentos. Em virtude de que os herbicidas e pesticidas podem influenciar no desenvolvimento vegetal, em alguns países, alimentos geneticamente modificados estão sendo introduzidos para resistir a esses produtos.

Produzir alimentos para a atual população mundial, realmente não é uma tarefa fácil. Mas enquanto consumidores, devemos ser cautelosos diante aos possíveis efeitos desses produtos. Contudo, como podemos ter acesso à informação?

Vegetais e frutas são fontes fundamentais de vitaminas e nutrientes que deveriam ser incluídos diariamente na nossa dieta ou merenda escolar. Para saber a procedência desses alimentos, a leitura do rótulo das embalagens é uma maneira de nos mantermos informados porque especifica os tipos de componentes que estamos comprando.

Durante muito tempo esteve presente na discussão entre pesquisadores acerca de uma agricultura alternativa reportava-se à quantidade de alimentos produzidos com a agroecologia. Atualmente, sabemos que parte dessa produção atingiu larga escala, mas o melhor de tudo é que podemos praticar esses conceitos através de uma horta escolar (urbana ou suspensa).

O resgate de técnicas e novas tecnologias estão sendo introduzidos, tais como: cobertores de canteiro feitos com fibras para evitar predadores e o crescimento de ervas daninhas competidoras; inserção de plantas aromáticas como repelentes naturais ao longo dos canteiros; rotação e manejo de culturas, plantio direto; uso de estufa para plantio fora de época; entre outras.

Outro ponto favorável é que, as fazendas orgânicas, otimizam os espaços na propriedade rural, assim como uma horta urbana otimiza o potencial local. O cientista ambiental Brian W. Bodah, os alimentos orgânicos oferecem um imenso benefício para a saúde e para o planeta, dentre os quais podemos destacar: maior valor nutricional, ausência de toxinas residuais de pesticidas e/ou herbicidas, sabor mais acentuado, além de uma maior variedade e qualidade.

Ao comermos orgânicos incentivamos um manejo sustentável de nosso planeta, o equilíbrio ambiental e uma melhoria da qualidade de vida e saúde, sendo que evitamos ingerir produtos que mais tarde poderiam nos causar doenças decorrentes dos efeitos cumulativos de certos produtos químicos.

As fazendas que fazem uso da agroecologia podem ser certificadas antes de venderem seus produtos como orgânicos e supervisionadas, pois devem estar localizadas a um espaço razoável das práticas tradicionais, garantindo a natureza de seu produto. Centros urbanos e hortas escolares não necessitam certificação.

Orgânicos são uma opção consciente, mas não podemos esquecer que uma alimentação saudável é otimizada se associada a outros hábitos relacionados à atividades físicas e ao equilíbrio entre lazer e trabalho. Enfim, para cuidar do planeta, precisamos cuidar de nós mesmos.

## **O direito de brincar aliado ao professor: Ludicidade**

Dentre as maiores esperanças de transformação através da educação ambiental, estão às crianças que “serão os futuros governantes”. Essa afirmação inicialmente pode ser uma forma de passar a responsabilidade para a solução dos problemas para quem ainda não possui entendimento da amplitude dos mesmos.

Mas, apesar disso, é realmente necessário preparar e sensibilizar as crianças para inserirem-se num contexto de transformação, através uma metodologia adequada a cada faixa etária. De acordo com estudos da pedagogia da libertação, consideramos que os educandos possuem saberes soci- almente construídos que devem ser aproveitados no processo de ensino- aprendizagem.

Porém cada vez mais, torna-se uma tarefa difícil atingir esses saberes por que o discurso por si só não consegue edificar os conhecimentos na criança. Assim, é necessário construir novas metodologias.

Essas metodologias, dentro de ações de educação ambiental, podem percorrer o caminho da ludicidade e serem ampliadas a várias faixas etárias. Os jogos são elementos importantes nesse processo, como diz a escritora Lia Luft “nós não paramos de jogar porque ficamos velhos; nós ficamos velhos porque paramos de jogar.”.

O lúdico tem sua origem na palavra latina “ludus” que quer dizer “jogo”, referindo ao jogar, ao brincar e ao movimento espontâneo. Porém a semântica da palavra “lúdico” evoluiu conforme sua utilização. Então, passou a ser reconhecido como traço essencial de psicofisiologia do comportamento humano, de modo que sua definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo.

A necessidade lúdica possui implicações que extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo. As brincadeiras são consideradas também como atividades sociais, variáveis culturalmente, permitindo uma interpretação da realidade e a partir desta a criação e recriação.

Nesse sentido, é um espaço de interação voluntária e consciente que permite a organização independente e a tomada de decisões dos envolvidos em uma atividade lúdica, onde possam pensar e experimentar situações novas. Brincar é a ação que forma a estrutura para mudanças das necessidades e da consciência da criança, jovens, adultos ou idosos, trazendo regras implícitas e/ou explícitas, dotadas de intencionalidade ou associação livre.

O brinquedo é um elemento que está circunscrito, não importando o resultado da atividade, é um fim em si mesmo de efeito positivo através do simbolismo. Não apenas restrito à literalidade e ao controle interno. Faz-se necessária a presença da ludicidade na escola (e fora dela também).

Expressa em sua melhor forma através de jogos e brincadeiras, a ludicidade constitui um caminho para efetivar mudanças de uma maneira prazerosa. Os jogos podem despertar grande interesse dos educandos, não apenas na infância, mas em todas as etapas da vida, dependendo como forem orientados.

Assim, deve-se pensar inclusive, na possibilidade de dispor um acervo de brinquedos e jogos que podem ser construídos com material alternativo e reciclável. O acervo pode ser denominado de brinquedoteca ecológica ou até mesmo, de recicloteca. Os jogos podem ser desde os mais usados na atualidade, ou até resgatados os antigos jogos, nas mais diversas variações com o auxílio da comunidade.

## Corrigindo provas

Sabemos que a avaliação envolve grande parcela do tempo do educador. Com o avanço de estudos pedagógicos, entendemos que a mesma não deve ser restrita à aplicação de provas e testes, mas sim, deve ser um processo contínuo de observação. Além disso, deve permitir ao educador refletir sobre suas metodologias.

Paulo Freire mencionou em seus livros que os educandos possuem saberes socialmente construídos, que devem ser aproveitados no processo de ensino-aprendizagem. Porém cada vez mais, torna-se uma tarefa difícil atingir esses saberes por que o discurso por si só não consegue edificar os conhecimentos na criança. Mais uma vez lembramos que faz-se necessária a construção de novas metodologias.

As provas e testes são utilizados como instrumentos, medidas ou parâmetros de avaliação do processo de ensino-aprendizagem. Contudo, é diariamente que podemos observar o desempenho e nível de compreensão dos alunos através de seu desempenho.

Assim, seguem algumas dicas que podem ser utilizadas como elementos de avaliação durante uma problematização, tais como:

– Observar a linguagem corporal dos educandos, percebendo se necessitam de uma pausa na explicação (pode ser através de uma brincadeira ou até mesmo da mudança de entonação da voz);

– Perguntar uma questão de cada vez, até que a discussão seja iniciada, deixando tempo suficiente para que as questões sejam respondidas;

– Direcionar as questões inicialmente para o grande grupo, assim todos sentem-se incluídos;

– Evitar iniciar a questão utilizando frases com resposta inclusa tais como: “alguém poderia me dizer” ou “alguém sabe” (essas questões deixam margem para que os alunos encerrem a discussão simplesmente dizendo sim ou não). Prefira iniciar os questionamentos utilizando palavras tais como: como, porque, qual...

–Desenvolver conceitos e idéias através das respostas dadas pelos alunos, levando em consideração mesmo as respostas erradas (simplesmente pelo esforço de participação), o que não significa que essas não devam ser elucidadas e reconduzidas.

## **Do ensino fundamental ao ensino médio – Pedro Thaines**

Como se não bastasse todos os desafios cotidianos da avaliação, devemos considerar ainda que, o aluno ainda passa por uma fase de adaptação ao mudar de série. Uma das maiores mudanças trata-se da passagem do ensino fundamental para o ensino médio numa das fases mais conturbadas da vida - a adolescência! Vamos observar a opinião do estudante de ensino médio Pedro Thaines descrita a seguir sobre esse tópico.

*Gostaria de me dirigir a todos os alunos que estão cursando a 8ª Série (ou 9º Ano) do Ensino Fundamental e também aqueles que estão um tanto quanto preocupados com a chegada ao 2º Grau (ou também conhecido como ensino médio. Colegas, não precisam ficar apavorados, ou ficar sem saber o que fazer porque acham que vai ser muito difícil e não vão conseguir progredir em seu ano letivo. O ensino médio é apenas a continuação de seus estudos.*

*Não estamos falando de nenhum monstro como alguns pensam, fato esse que pode levar o aluno a tomar decisões precipitadas em relação a esse processo de mudança. Alguns estudantes se assustam por comentários de outras pessoas, enquanto que outros acham que não vão conseguir se adaptar. Na verdade, isso não é muito diferente do que estavam acostumados, o nervosismo faz parte de todo processo de evolução.*

*A entrada no Ensino Médio pode ser muito interessante, pois o aluno vai conhecer várias pessoas, novos professores e novas matérias. Tudo vai se tornar agradável em apenas algumas semanas de aula, então o*

*aluno pode começar a perceber que a tão ‘temida’ matemática já não é um ‘bicho de sete cabeças’.*

*Mesmo assim alguns podem dizer “\_Ah! Mas deve ser muito difícil, por que vai ter mais matérias para estudarmos!”. Essa afirmação em parte é verdade. Contudo se o estudante quiser que a matéria se torne fácil, basta se dedicar e observar que pela frente muitas coisas também se tornarão fáceis. Assim como todo o Ensino Fundamental serve de base ao Ensino Médio, o Ensino Médio torna-se base para o Ensino Superior.*

*Se o estudante sempre se dedicou aos estudos lá no começo, verá que não essa mudança não é tão difícil. Até mesmos aqueles que não se dedicaram de verdade e acabam com medo de novos conteúdos terão sua chance de adaptar-se.*

## Conversas não paralelas

Aqui escolhemos consultar a opinião de colegas educadoras sobre os respectivos tópicos: “extensão da educação” e “educação em comunidades rurais”.

### **Extensão da educação – Caroline Grandó Gava**

Na graduação - durante o período do estágio de conclusão de curso, tive experiências fascinantes. A professora titular de biologia teve de tirar licença e solicitou que eu assumisse as quatro turmas de primeiros anos do ensino médio. As quais dei aula até acabar o ano letivo.

Essa experiência foi marcante e maravilhosa, pois percebi o grande potencial que existe dentro de cada educando. Depois de formada, fui trabalhar na Secretaria de Saúde na vigilância ambiental na qual continuo meu trabalho de educação informal com cuidados sobre a dengue.

Através disso, percebi que a educação engloba os processos de *ensinar e aprender*, sendo exercida nos diversos espaços de convívio social seja para a adequação do indivíduo à sociedade, do indivíduo ao grupo ou dos grupos à sociedade. Enfim, a educação coincide com os conceitos de socialização.

Saber aprender e ensinar são os maiores desafios para os professores nos dias de hoje, pois os professores são os que constroem o futuro da nação. Se a base escolar deixar a desejar, corremos o risco de termos seres humanos com comportamento irresponsável, os quais darão mal exemplo aos novos jovens para que isso não ocorra devemos revisar paradigmas em importantes campos do conhecimento, da ciência e tecnologia e da psicopedagogia, auxiliando na melhoria do processo de aprendizagem.

Assim, os educadores devem estar em constante aprendizado, principalmente porque as novas gerações estão cada vez mais atualizadas e se o educador não estiver atualizado ter dificuldades de comunicação. Além de

atualizados, devemos também perceber os graus de dificuldades e de facilidade de cada aluno, pois eles são únicos e em uma sala teremos no mínimo 30 alunos diferentes para ensinar.

A seguir, apresento uma abordagem de temas relevantes para o processo educativo.

*Sobre indisciplina e agressividade:* Os casos de indisciplina e de agressões não têm a mesma incidência ou gravidade em todas as escolas, mas vêm ocorrendo um pouco em todas elas, mesmo em locais onde a situação socioeconômica é privilegiada.

A agressividade está alcançando grandes proporções dentro e fora da escola, uma vez que, fortes questões sociais, como por exemplo, desemprego, moradia, desnutrição, saúde precária e falta de educação abalam a estrutura familiar refletindo no contexto escolar. A criança reproduz o que ela vivencia.

Estas questões relacionadas com a desigualdade e exclusão social têm conduzido o aumento da agressividade e da violência, quer seja na sociedade ou no interior da escola. A indisciplina é percebida como uma das principais queixas tanto de professores quanto de alunos, ao mesmo tempo em que está sendo considerada o principal problema nas escolas.

Nosso esforço enquanto educadores deve ser tentar entender as atitudes de nossos alunos, buscar o diálogo para compreender as mensagens que eles estão nos passando por meio da linguagem da indisciplina e da agressividade. É importante questionar porque eles desobedecem e desafiam, insistem em “atrapalhar” as aulas e os colegas, são agressivos e desrespeitosos e porque destroem sua própria sala de aula e sua escola.

Para tanto, é necessário um trabalho conjunto entre o corpo técnico da escola, educadores, família e sociedade a fim de reduzir a agressividade e combater a violência no contexto escolar. As estratégias variam conforme a realidade de cada comunidade.

*Sobre a participação dos pais na escola:* como dito anteriormente, a educação engloba os processos de *ensinar* e *aprender* e é exercida nos diversos espaços de convívio social. Assim, é um erro de alguns pais atribuírem à escola a total responsabilidade pelo desempenho escolar das crianças.

Pesquisas e estudos recentes demonstram que o envolvimento da família na vida escolar dos filhos é vital para o desenvolvimento dos mesmos. A parceria pais-professores vem sendo considerada tão importante que alguns governos investem em medidas para incentivar a presença dos pais na escola.

Essa participação é importante e o trabalho dos pais precisa estar em sintonia com o da escola. Assim, nada melhor, do que uma conversa (ou várias) com o professor da criança para descobrir como ajudar. Conforme a atual coordenadora de ensino fundamental do Colégio Equipe, em São Paulo “A família tem de contar com a escola para cuidar dos filhos, mas essa responsabilidade deve ser compartilhada. Senão, vira um jogo de empurra-empurra e quem sofre é a criança”.

*Educando crianças e adolescentes:* A superação dos problemas didáticos metodológicos, deve ser uma preocupação constante do conjunto de profissionais na perspectiva de (re)pensar e fortalecer cada vez mais as relações entre o que se ensina, se pesquisa e se produz visando a uma melhor formação para o aluno.

É certo que todo e qualquer tipo de mudança acarreta quase sempre resistência por parte dos envolvidos. Isso porque está ligada a fatores psicológicos de insegurança, acontecendo tanto na prática individual como na coletiva.

Quando as rotinas estão estabelecidas elas conferem uma sensação de segurança, que se quebra quando algum fator de ruptura aparece. O que de certa maneira, acaba instigando que tomemos as contribuições de novas formas didático-metodológicas como aportes importantes para o fazer histórico na sala de aula.

*Sobre a mídia:* A sociedade contemporânea tem apresentado imensos desafios para os que atuam com educação. Embora saibamos que nem sempre a demanda da sociedade é a mesma da escola, o papel que a mídia tem desempenhado na sociedade da informação, da comunicação, do espetáculo e, conseqüentemente, na formação dos sujeitos, deve ser discutido na escola.

Para fins desse artigo, o termo mídia nos remete aos seguintes em meios de comunicação: jornal, cinema, rádio, televisão, computador e instrumentos multimídias. A incorporação de uma educação tecnológica torna-se uma

condição de educação para a cidadania, um instrumento para a democratização de oportunidades educacionais e de acesso ao saber, o que contribui para a redução das desigualdades sociais.

De acordo com estudos desenvolvidos por Fusari, não é suficiente colecionar imagens, sons e audiovisuais informatizados ou saber suas técnicas, é preciso “aprender a elaborar e intervir no processo comunicacional que se dá entre professores e alunos com essas mídias, para ajudar na realização da cidadania contemporânea”. Assim, o campo educação-comunicação pode ser adotado nas mediações escolares, configurando-se como um campo teórico-prático muito fértil.

*Avaliação escolar:* Avaliamos para estimular uma reflexão crítica sobre os processos que estão sendo desenvolvidos nos sistemas educacionais (através de seus gestores, coordenadores, professores, alunos).

A avaliação permite a correção de rumos nas transformações que estão sendo provocadas e, a partir de parâmetros de comparação, auxiliam também na tomadas decisões, sempre tendo como objetivo o desenvolvimento aprimorado e pleno do educando.

Considerando a avaliação como um processo para facilitar os processos educativos, então, em síntese, avalia-se para o próprio indivíduo reconhecer a importância do aprimoramento contínuo do ponto de vista pessoal, moral, intelectual.

*Sobre metodologias de ensino:* A análise da prática pedagógica tem demonstrado que só serão possíveis mudanças significativas na educação, à medida que o professor tiver uma “compreensão profunda da razão de ser da sua prática e uma clara opção política acerca do seu ato pedagógico”.

Embora muitos educadores sintam que têm um papel importante na determinação de mudanças significativas no processo de ensino, frustram-se quando, na busca de alternativas, nem sempre conseguem bons resultados.

Se na sua prática cotidiana o educador percebe que a metodologia adotada favorece apenas a alguns alunos, em detrimento de outros ou da maioria, é preciso que ele compreenda e tenha claro o porquê isso ocorre e, a que alunos este método favorece bem como porque os favorece. Sem essa

compreensão, dificilmente conseguirá mudanças que levam a resultados significativos.

Cada atividade tem um potencial pedagógico diferente e limitações específicas. Não se pode oferecer uma receita didática, mas apenas conceitos e tipologias, mas alguns importantes subsídios adotados por vários educadores podem ser observados a seguir: o objetivo de ensino é o definidor dos critérios de seleção e organização dos métodos e técnicas; a estrutura do assunto a ser ensinado determina o tipo de atividade; as características próprias das atividades de ensino; e a etapa no processo de ensino determina o tipo de atividades mais indicado.- Tempo e as facilidades físicas disponíveis.

*Uma experiência de educação informal:* Nos últimos anos, venho desenvolvendo um trabalho comunitário informando sobre cuidados para evitar a dengue no município de Passo Fundo-RS. Os principais desafios incluem conseguir passar a mensagem dos cuidados necessários que se deve ter relação à dengue, a dificuldade de ser recebida nas casas e usar a linguagem adequada conforme a camada social que está sendo orientada. Em alguns locais as pessoas não tinham o mínimo necessário para uma boa higiene.

Trabalhando como agente de campo da dengue, tive a oportunidade de adquirir experiência profissional, orientando as pessoas de todos os níveis sociais, principalmente as de pouco nível educacional, que são a grande maioria.

A sensibilização da comunidade foi através de visitas explicando com uma linguagem simples e clara, incluindo informações sobre o que é a dengue e demonstrando como devemos proceder e quais cuidados são necessários para evitar que ocorra a formação de focos da mesma em nosso município, pois a dengue é uma doença grave, que se não for tratada no momento certo e de forma adequada, pode levar à morte.

*Na educação formal:* meu conteúdo favorito de ensinar é genética das populações. Isso por ser o estudo da distribuição e mudança na frequência de alelos sob influência das quatro forças evolutivas: seleção natural, deriva gênica, mutação e migração. A genética populacional também busca explicar fenômenos como adaptação e especiação, sendo parte vital da síntese evolutiva moderna.

A fundação dessa disciplina se baseia no fato de que, respeitadas certas premissas básicas em uma população (ausência de seleção natural e au-

sência de mutação no locus em questão, ausência de migração e tamanhos populacionais infinitamente grandes, entre outras), as frequências dos alelos e dos pares de alelos (genótipos) podem ser calculadas (segundo fórmulas derivadas do chamado Princípio do Equilíbrio de Hardy-Weinberg que podem ser encontradas em livros de Biologia do Ensino Médio).

*Preparando-se para o futuro:* Atualmente com a facilidade de se obter bens materiais, parece-nos que o consumismo tem sido a base da educação. Ou ainda que vivemos na política de troca: ‘tu te portas bem, tira boas notas, e dou-te um portátil’ e ‘se tu fizeres isso, dou-te aquilo’.

As crianças aproveitam-se desta situação para “controlar” os pais. É mais fácil dizer sim aos filhos; dizer não, implica em desgaste físico e emocional, implica em ter de explicar, conversar e principalmente suportar os ataques de mau humor e birra. Antigamente embora a educação parecia ser mais rígida, havendo maior respeito aos pais e aos mais velhos.

Como educadores devemos avaliar esses tópicos com cautela e repensar nossos procedimentos nas relações com os nossos educandos.

## **Educação e Comunidades Rurais - Renata de Baco Hartmann**

Antes de qualquer consideração, gostaria de mencionar um fato ocorrido numa escola rural do município de Mata – minha cidade natal, na região central do Rio Grande do Sul. Naquela ocasião, estava em visita à escola, convidada pela professora de biologia Eliane Thaines.

Lá eu deveria falar dos princípios da agricultura ecológica ou agroecologia. Aqui enfatizo agroecologia como um sistema de produção que rompe com o sistema tradicional, aquele da Revolução Verde, da agricultura “moderna”, cujo discurso era de que viria para “acabar com a fome do mundo”, cujos resultados se tonaram evidentes através de seus impactos.

A agroecologia que rompe com o paradigma produtivista e capitalista, pode ser entendida de forma ampla, significando que o homem pode produzir alimentos sem desperdiçar, subjugar ou desqualificar as capacidades sociais,

culturais, políticas e (até) econômicas da nossa sociedade. E, acrescentando-se, um grande diferencial: produzir em harmonia com o ambiente, suas leis e capacidade de resiliência.

Retomando nosso relato, para “quebrar o gelo” e iniciar a conversa perguntei aos alunos: qual a profissão mais bonita, ou interessante, ou que simplesmente chama sua atenção? Verdade que as respostas não me surpreenderam: médico, policial, professora, jogador de futebol, entre tantas outras mencionadas. Não é meu interesse discutir o valor de cada uma dessas profissões, mas chegar a outro ponto, como segue.

Por fim, era a minha vez de contar-lhes qual era, em minha opinião, a profissão (ou ocupação, como preferir) mais bonita: ser agricultor. Os olhinhos se transfiguraram de curiosos para incrédulos. No seu íntimo devem ter pensado que aquela “criatura” ali na sua frente só podia estar brincando. “-Agricultor? Isso lá é profissão? Ainda mais bonita, interessante e que chame a atenção?!” Mas era a mais pura verdade; expliquei com toda a calma porque eu pensava assim: o agricultor faz brotar da terra o alimento que sustenta a toda humanidade. “\_Querem responsabilidade maior que essa? Se não existir nobreza nisto, existirá em quê então?” Desconfio que coloquei uma pulguinha atrás de suas orelhas.

Prezados leitores, eu recorri a este acontecimento pelo seguinte fator: as respostas dos alunos. Por inocentes que fossem nos fazem revelações úteis ao tema que desenvolvo neste momento. De modo geral, as pessoas encaram o mundo rural de uma forma negativa, como se rural fosse sinônimo de “atrasado”.

O homem rural deseja se despir dessa imagem de “homem rural” e isto está muito objetivo nas inocentes respostas de filhos de agricultores em uma escola rural. E mais ainda, essa situação singular nos diz que o rural não está mais tão isolado como antes.

José Graziano da Silva é autor de inúmeros artigos sobre esse tema e suas transformações ao longo da história. Em muitos de seus trabalhos sobre este tema ele comenta que está cada vez mais trabalhoso delimitar o meio rural. Minha função, aqui, é justamente tentar compreender este fenômeno, suas implicações e como os educadores podem se comportar diante dessas mudanças. Hoje, esse tópico, por sinal, têm um nome e *status* de fenômeno social: o Novo Rural.

Olhemos com mais atenção o meio rural. Então, já não existem carros, televisores, antenas nesse local? Todos os que lá residem, só trabalham como agricultores? Toda propriedade rural é exclusivamente dedicada à lavoura? A dinâmica sócio econômica do meio rural (no Brasil e no mundo) nos revela uma tendência à novas formas de organização do trabalho e de mudanças no modo de vida dessas famílias.

O que percebemos é que o meio rural está mudando sua “cara”, seu “jeito”. A força motriz disto tudo é a combinação das tradicionais atividades agrícolas e a gradativa introdução de atividades não agrícolas (agroindústrias, turismo rural, entre outras) e do aumento da mobilidade do homem do campo.

Além disso, obviamente, essas comunidades rurais não estão imunes a mudanças em seus hábitos. Este estreitamento de relações (rural e urbano) leva ao uso de materiais antes não utilizados pelo agricultor, como garrafas de refrigerantes, latas de alumínio, embalagens diversas.

O uso de agrotóxicos introduziu as embalagens de agro-químicos, de adubos e outros insumos. Como esses resíduos não são coletados acabam nos rios, enterrados ou mesmo queimados a céu aberto, reduzindo significativamente a qualidade ambiental e, por conseqüência, a qualidade de vida das pessoas.

Ainda, não podemos deixar de mencionar o aspecto comportamental! A televisão desempenha um papel importante nesse sentido. Percebemos com clareza uma mudança no modo de vestir, de falar, de se comportar. Principalmente dos jovens, que quando trocam a escola rural pela urbana, evidenciam mudanças exacerbadas.

Tomando por base um trabalho realizado em escola rural no município de Mata- RS, que traduz perfeitamente esse cenário, traço as minhas considerações. As comunidades ainda são essencialmente agrícola, tendo na lavoura de tabaco seu principal meio de vida. Porém, já coexistem em plena atividade empresas de transporte de cargas, transporte coletivo, agroindústrias, museus, rotas de turismo, que geram postos de trabalho não-agrícola.

Fator esse que faz com que existam mais pessoas e mais informação circulando, enfim, mais mudanças. Existe grande facilidade de deslocamento para a cidade, uma vez que existe transporte regular e muitas famílias possuem automóveis ou motocicletas. Para diminuir ainda mais a distância do rural com o restante do mundo temos: a televisão, o rádio e a internet.

As conseqüências observadas: as donas de casa já não produzem o sabão, a bolacha, o macarrão, as verduras como costumavam. É tão estranho quanto é comum observar no supermercado senhoras agricultoras enchendo suas sacolinhas plásticas de tomate, pepino, entre outros hortigranjeiros.

Os sucos naturais foram substituídos pelo refrigerante ou suco industrializado. É cômodo, mas cria um impacto tremendo no orçamento familiar, sem mencionar a grande quantidade de resíduos sólidos que é gerada.

A identidade desses homens e mulheres acaba por ser aniquilada. Prova disso são as respostas dos alunos a um simples questionamento sobre qual profissão consideram a mais bonita. Os jovens demonstram certo constrangimento ao se declararem agricultores, ou “colonos” - como é de costume dizer.

O saber social (que é fruto da observação e passa de geração em geração; efetivamente prático, elaborado a partir de ações cotidianas e circunstâncias específicas) também ficou em algum lugar do passado.

É facilmente constatado que, por exemplo, a utilização de ervas medicinais e condimentares, é conhecimento restrito à poucas pessoas - as mais velhas. Este conhecimento não está sendo repassado, nem tampouco as receitas antigas ou a histórias das comunidades. Ninguém, além dos mais velhos, conhece as histórias das comunidades rurais.

Outra faceta desta nova realidade rural é a questão ambiental. No Brasil segue-se o modelo produtivista e capitalista, com conseqüências desastrosas ao ambiente (desmatamentos, queimadas, erosão, entre outras). A mecanização agrícola, viabilizada pela Revolução Verde nos anos 70 foi decisiva para chegarmos ao patamar que alcançamos de declínio da qualidade ambiental. Avançamos sobre a fronteira agrícola, ocupando áreas de preservação permanente, não respeitamos a reserva legal, destruimos os banhados naturais, as nascentes.

Considerando tudo que já foi exposto, o que nós, educadores e educadoras podemos fazer? Como devemos trabalhar?

Em primeiro lugar, devemos compreender este território, suas peculiaridades

ridades, mesmo em face de suas inúmeras alterações. As mesmas alterações que de um lado “facilitam” a vida e de outro, acabam por destruir a identidade e o território rural.

A educação no campo, ou para o campo, não pode ser definida a partir do urbano. É preciso respeitar o lugar, pois faz parte da identidade. O educador deve ter como princípio trabalhar visando a melhoria da qualidade de vida das famílias, valorizando a produção para o autoconsumo, buscando alternativas para a inserção nos pequenos mercados regionais e trabalhando a auto-estima. Este educador deve saber valorizar o saber social, sem querer substituí-lo.

Neste trabalho é recomendado que se utilize metodologias de pesquisas de caráter qualitativo e exploratório que estimulam o entrevistado a pensar e se expressar livremente. Deste tipo de abordagem podem surgir aspectos subjetivos que não seriam identificados em outras abordagens.

Programas executados em comunidades rurais devem considerar o fato de que ainda existe uma condição de menor poder aquisitivo neste meio. Esta condição poderá fazer com que a comunidade não participe efetivamente. Agricultores já têm muito com o que se preocupar: a lavoura, a chuva, a estiagem, o financiamento no banco. Colocar outras preocupações, como a questão educacional, as questões ambientais entre suas prioridades, não é uma tarefa fácil.

Além disso, há outras dificuldades inerentes à situação, tais como: dificuldade com a organização para o trabalho, saúde pública, segurança alimentar, trabalho e renda, alta taxa de natalidade e segurança pública.

O educador deve estar atento às mudanças, sendo uma questão relevante para seu trabalho o consumo consciente, que deve ser tratada com seriedade. O que acontece numa comunidade rural: existe o desejo de se ter um padrão de vida semelhante ao da cidade - considerado melhor. Para isso é necessário um novo padrão de vestimentas e alimentar (característica que se observa principalmente nos jovens).

O trabalho na comunidade rural vem revelando, entre outras coisas, o grau de consciência sócio-ambiental dos agricultores, identificando que existe um grande distanciamento entre a crença e a prática de ações de conservação ambiental.

Por exemplo, a grande maioria das pessoas concorda que o lixo é um problema, mas quando questionados sobre o que poderiam fazer para modificar essa realidade, parecem simplesmente não saber. A responsabilidade é sempre do poder público e mesmo assim, não existe um movimento de reivindicação de coleta de resíduos.

A Educação deve, acima de tudo, respeitar e interagir com a realidade na qual os educandos se inserem, voltando-se para suas necessidades e atendendo aos seus interesses seja no ambiente escolar ou na comunidade. Neste caso, os educadores têm papel fundamental na discussão dos processos da Educação, pois seu objetivo é o desenvolvimento do pensamento crítico e a conscientização do indivíduo como protagonista de sua história para, enfim, se chegar ao objetivo final: a independência ou autonomia.

Estes pontos são indicativos de que a ação educativa numa comunidade rural deve englobar vários aspectos, numa perspectiva holística e sistêmica; e não observar os problemas de forma isolada. Porém, acima de tudo, trata-se de iniciar um novo processo que perceba as inter-relações existentes entre cada situação, entre cada problema, fazendo a relação entre causa e consequência. Isto tudo num processo comunicativo e participativo, voltado ao entendimento dos problemas e à ação sobre os mesmos.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 entende-se sobre a educação rural:

*Artigo 28- na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias a sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região especialmente: currículos e metodologias apropriadas as reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural, organizações escolares próprias, incluindo a adequação do calendário escolar conforme as fases do ciclo agrícola e as condições climáticas e adequação a natureza do trabalho na zona rural.*

Com tudo isso, não estamos dizendo que todos devam passar a vida no meio rural, mas sim, que deve ser dada a oportunidade para cada um escolher o que vai fazer de sua vida de uma forma justa e consciente. O rural já não é tão rural. Se essa mudança é boa ou não, só o tempo nos dirá. Mas, acima de tudo, é fundamental que entendamos e respeitemos esse lugar e

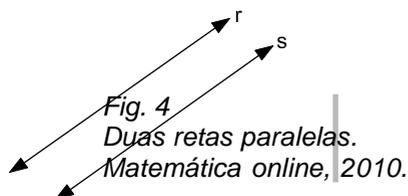
essas pessoas pelo que são e pelo que significam.

Uma vez ouvi a seguinte frase na Universidade: *“se as cidades queimarem, os campos se levantam e as reconstroem; se os campos queimarem, as cidades padecem!”* Espero que isto, nos fique de lição!!!

## Duas retas paralelas se cruzam no infinito

Por mais diferentes que sejamos, em algum momento de nossas vidas, passaremos por situações similares as quais nos desafiarão à refletir sobre algum ponto em comum. Como minha mãe - que é professora de matemática - sempre diz: “duas retas paralelas se cruzam no infinito”.

Geralmente, esse conceito geométrico nos parece inviável (Fig. 4), mas nos assegura que apesar de distintas, essas retas irão se encontrar em algum momento que foge à nossa compreensão.



Esse é um conceito básico de geometria que pode ser aplicado às nossas próprias vidas, seja nas relações profissionais, pessoais ou familiares; ou até mesmo nesse livro, que é fruto de um sonho, seguido de trabalho árduo. Pode-se tratar ainda, de um diálogo entre os diferentes na tentativa de auxiliar nossos colegas educadores na resolução dos problemas pedagógicos presentes na cotidianidade de nossa profissão.

Com esta obra, gostaríamos de deixar uma mensagem aos nossos colegas educadores que são a chave da transformação em uma sociedade: as oportunidades para que resgatemos a valorização e o reconhecimento pela nossa profissão estão nos mais diversos lugares e setores da sociedade.

Em busca desse espaço, o autoconhecimento torna-se fundamental para que possamos avaliar definir ou redefinir nossos objetivos de vida, nossos sonhos e nossas expectativas para o futuro. Essa busca não é uma tarefa fácil quando na situação educacional atual, muitas vezes, acabamos no papel de oprimidos como abordamos no capítulo introdutório.

Nossa luta também não é fácil; porém, a perseverança e a auto-

confiança devem ser metas para uma vida melhor. Sabemos que alguns questionamentos em relação ao futuro emergem para desviar nosso foco, mas temos que admitir que o poder do pensamento é realmente um elemento fascinante. Quando estabelecemos objetivos colocando um prazo para a realização dos mesmos, os transformamos em metas.

Se focalizamos nosso pensamento na realização de nossas metas, mesmo durante situações adversas, as probabilidades de sucesso tornam-se ainda maiores. Por exemplo, durante a minha jornada, alguns bons amigos e familiares, com a intenção de ajudar, questionavam (e ainda o fazem): - Você já não estudou demais? Já não fez o bastante? Para que passar por todo esse estresse?

Isso me levou a perceber que apesar das preocupações dos meus queridos, o tempo passará de qualquer maneira, mesmo que esteja em casa lamentando minha situação atual ou mesmo que esteja utilizando meu tempo para aperfeiçoamento na busca de meu ideal.

Todos devemos buscar nosso “lugar ao sol” durante as manhãs, ou melhor, temos que assumir nossa missão enquanto temos força para fazê-lo. Viver o momento presente (o aqui e agora) pode mudar nosso futuro e tanto a acomodação como a busca do novo fazem parte da vida dos seres humanos. Relembramos que as oportunidades estão em diferentes locais e momentos, mas a escolha de aceitá-las com toda a instabilidade que elas possam representar, é apenas nossa.

Mesmo quando recusamos tomar uma decisão, abrimos mão de nosso poder e controle, deixando espaço para que outras pessoas decidam em nosso lugar. Assim, como educadores e, portanto, líderes devemos ir em frente, criando nosso próprio destino e aproveitando as chances que nos são dadas.

Sabemos ainda que não existe verdade absoluta ou batalha vencida, a não ser que nos conformemos à situação que nos é imposta. De acordo com a sabedoria popular, o fundamental na vida não é apenas fazer o que gostamos, mas sim, achar meios de se gostarmos do que fazemos. Para gostar do que fazemos ou dos outros, devemos gostar de nós mesmos.

Além disso, na crescente busca de uma nova ética, devemos promover um resgate dos valores fundamentais para a sociedade, da solidariedade entre os povos e sustentabilidade planetária. Durante meu mestrado em

educação, aprendi que um fator chave da mudança pode ser simbolizado no trocadilho: “transformar-se para transformar e transformar-se, transformando”.

O fato da mudança individual é complementar a mudança coletiva, são processos indissociáveis e políticos. Para atingir a participação coletiva é importante organizar espaços pedagógicos que visem a produção e aquisição de conhecimentos, num diálogo transdisciplinar com a elaboração de uma agenda de prioridades, ações e projetos - incluindo atividades como jogos e brincadeiras.

Para tanto, é necessário que o educador busque inovar e aprofundar seus conhecimentos sobre alternativas pedagógicas. É importante também, que o educador vivencie esses conhecimentos na prática e enfatize ou recupere o prazer que um dia sentiu em realizar essas tarefas. Nesse sentido, o educador poderá interagir com seus educandos de uma nova maneira e redimensionar seu pensar pedagógico. Enfim, o educador deve estar aberto ao novo e ter consciência de que o mesmo é o elemento fundamental no processo de valorização da educação.

Através deste livro, listamos apenas algumas das diferentes estratégias para aperfeiçoar a práxis pedagógica utilizada pelas autoras e seus colaboradores durante a elaboração deste livro. Porém, sabemos que muitos de nossos colegas educadores se apropriam ainda de diferentes técnicas que realmente são eficazes no processo de ensino-aprendizagem.

A nossa meta principal através desta obra foi abrir o diálogo para situações cotidianas na vida de atuais e de futuros educadores, para que não nos sejam fornecidas apenas dicas e receitas, mas sim uma oportunidade de interação. As autoras e seus colaboradores se sentirão orgulhosos de interagir por e-mail com os leitores (maiores informações nas páginas iniciais). Acima de tudo, “sabendo que duas retas paralelas se cruzam no infinito”, gostaríamos de ampliar esse processo e convidar a você colega educador para compartilhar suas experiências na continuação dessas “conversas entre educadores”.

## Bibliografia

BENINCÁ, Elli. *Formação de professores: um diálogo entre a teoria e a prática*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

BRASIL. Governo Federal. LDB 1996 **Disponível em:**  
<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em Dez 2008

CEMPRE. **Disponível em:**  
<[www.cempre.org.br/cempre\\_informa.php?lnk=ci\\_2006](http://www.cempre.org.br/cempre_informa.php?lnk=ci_2006)> Acesso Out. 2006

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra S.A, 1997, 165 p.

FUSARI, José Cerchi; RIOS, Terezinha Azevedo. Formação Continuada dos Profissionais do Ensino. *Caderno Cedes*. Campinas (SP): Papyrus, no. 36 1995

IBGE. Pesquisa anual. **Disponível em:**  
<[www.ibge.gov.br/home/estatistica/2001/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/2001/default.shtm)> Acesso 30 Dez 2001

**MÉTODO KUMON. Disponível em:**  
<<http://www.kumon.com.br/web/index.php>> Acesso Jan.2010.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições** sobre educação de adultos. 2 ed. São Paulo, Autores Associados: Cortez, 1984.

SILVA, José Graziano da Silva et al. O novo rural brasileiro. **Disponível em:**  
<[www.eco.unicamp.br](http://www.eco.unicamp.br)> Acesso em Dez 2009

THAINES, Eliane. A práxis na formação do educador ambiental. *In: Educação ambiental: abordagens em educação na prática ambientalista das ONGs*. [Dissertação de Mestrado]. Passo Fundo: UPF, 2006.

\_\_\_\_\_. *Educação ambiental para as crianças e seus mestres: guias de práticas ao educador* Passo Fundo: Berthier, 2006.

\_\_\_\_\_; RODRIGUES, Luciane. *Pedagogia Ambiental In: Práticas pedagógicas: vivências e reflexões*. Passo Fundo: UPF, 2008.

\_\_\_\_\_; BODAH, Brian. *EA do Brasil aos EUA: um convite à diversidade de práticas em educação ambiental [inglês-português]*. Passo Fundo: Berthier, 2008 300p..

## Apoio:

### **Nossos familiares, amigos e colegas**

**Pedro Alves Ramos** (*in memorium*)

**Sr. Elizeu dos Santos Junior**

**Tânia Ecco**

**Rangel C. Rodrigues** (Prof. de Física em escola pública de Passo Fundo – RS, Brasil): “lendo os livros da ecologista Eliane e seus colaboradores pude perceber o quanto são importantes para nossas crianças e para o nosso trabalho como educador”:

Sábios os que semeiam livros,  
Que fazem o povo pensar,  
Explicam que a natureza  
É um bom lugar pra se morar,  
Mas nem tudo é para sempre  
Então, vamos todos preservar!



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo  
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)





Professora  
Jaira



Renata



Caroline



Pedro



Brian e Eliane



Projeto  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

Apoio:



Projeto  
**Passo Fundo**



9 788564 997561